

**TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES NEGRAS SOB A PERSPECTIVA
DO FENÔMENO DO IMPOSTOR: METASSÍNTESE DA PRODUÇÃO
ACADÊMICA BRASILEIRA**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-070>

Data de submissão: 08/10/2024

Data de publicação: 08/11/2024

Dayne Maria Zacarias da Silva

Bacharela em Psicologia

Universidade de Pernambuco - UPE

E-mail: dayne.silva@upe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9094570170050218>

Juliano Almeida Bastos

Doutor em Psicologia Social do Trabalho

Universidade de Pernambuco - UPE

E-mail: juliano.bastos@upe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5441532286749666>

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa do tipo metassíntese, que visa compreender, por meio das trajetórias de mulheres negras, a caracterização do fenômeno do impostor em publicações científicas, a partir da interseccionalidade entre raça e gênero. O estudo desenvolveu-se a partir de cinco fases, quais sejam, Exploração, Refinamento, Cruzamento, Descrição e Análise. Os resultados apontam que a maior parte dos documentos discute questões relacionadas às mulheres negras no mercado de trabalho, não debatendo as especificidades do fenômeno do impostor. A análise dos documentos indica que: apesar das conquistas, a luta por espaços e direitos continua sendo constante e cotidiana; a opressão racial e de gênero é histórica e estrutural, por isso recai sobre grupos específicos. Demonstrando-se a importância de olhar para os determinantes sociais. Compreende-se, a impossibilidade de olhar para as características do fenômeno do impostor em mulheres negras, considerando-o apenas uma questão de saúde mental, individualizada, mas, antes de tudo, como uma herança histórica.

Palavras-chave: Mulheres negras, Trajetórias, Fenômeno do impostor, Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Em tradução livre, a palavra “impostor” está relacionada à característica de alguém que se aproveita da inocência de terceiro para enganá-lo, sendo geralmente atribuída a pessoas falsas, mentirosas e/ou hipócritas. A palavra impostor também tem sido utilizada para nomear o fenômeno, que, em regra, afeta especificamente as mulheres, impondo a sensação de que são verdadeiras farsas, especialmente no âmbito profissional, de modo que, em razão desse fenômeno, essas mulheres frequentemente deixam de se identificar com suas próprias conquistas e descredibilizam seu próprio sucesso, razão pela qual poderiam ser “descobertas”, como não merecedoras da posição que ocupam, a qualquer momento (Clance; Imes, 1978).

Popularmente conhecida como “síndrome do impostor”, essa condição foi estudada e introduzida na discussão científica a partir das investigações das psicólogas Pauline Rose Clance e Suzanne Imes (1978) por meio de observação de casos que chegavam até elas no ambiente clínico. Sendo assim, tal fenômeno diz respeito à uma percepção falsificada do sucesso que essas pessoas conseguiam obter, especialmente relacionados ao contexto intelectual e acadêmico, entendendo que este se deu em razão da sorte, engano ou acaso, e não por merecimento ou competência, sem reconhecer suas capacidades, apesar do seu desempenho satisfatório (Clance; Imes, 1978).

Contudo, cabe mencionar que não existem correspondentes sintomatológicos ou categoria diagnóstica que se enquadre nessa condição descrita por Clance e Imes (1978), sendo, portanto, mais adequada a adoção do termo “fenômeno do impostor”, fazendo-se importante a delimitação do termo a fim de não se patologizar a condição e acarretar mais sofrimento para o público que apresenta tal percepção.

As pessoas que apresentam essa condição costumam se comparar com outras em relação ao desempenho, focando demasiadamente em suas limitações e ressaltando as potencialidades de outras pessoas, com medo constante de que “sejam descobertas” como uma fraude. Além disso, há o sentimento de inadequação, sem se perceberem com qualificação suficiente para ocupar determinados espaços, sem experiência o bastante e, por consequência, sem competência, segundo estudo realizado pelo Discovery Br (2021), uma das primeiras pesquisas contextualizadas na realidade brasileira.

O fenômeno do impostor, além de trazer consequências relacionadas ao contexto laboral e à forma de lidar com tarefas que precisam ser realizadas, pode também acarretar prejuízos para a saúde e qualidade de vida. Considerando o que apontam Rohrmann, Bechtold e Leonhardt (2016), o fenômeno está vinculado a elevados níveis de ansiedade, instabilidade emocional, autoavaliação negativa, perfeccionismo e comportamento de adiamento de tarefas que são importantes, além de

dificuldade de aceitar elogios, subestimação das próprias competências e superestimação da competência de outrem (Chassangre; Callahan, 2017).

A percepção fraudulenta sobre o seu próprio desempenho, produz a sensação de dúvida constante, medo do sucesso, do fracasso e autossabotagem, esquiva de grandes oportunidades e recusa a tomar posicionamentos (KPMG, 2020). Dessa maneira, como uma forma de compensação para os seus medos, que podem não condizer com a realidade, as impostoras costumam se engajar em suas atividades a partir de demasiado esforço e preparar-se de maneira exaustiva até a sua execução, constituindo-se um ciclo vicioso que pode causar sofrimento, atribuindo a esses fatores o motivo de terem se saído bem ao final da ação (Dudau, 2014).

Embora possam parecer comuns os sentimentos e percepções experienciadas pelas “impostoras” estudadas inicialmente por Clance e Imes (1978), ressalta-se que insegurança, ansiedade e sensação de inadequação são humanamente normais, pois permitem que o organismo se prepare melhor para situações futuras ou para que seja possível pensar em possibilidades diante de algo que apresente ameaça.

Por outro lado, no fenômeno descrito, essas sensações de medo, inadequação e insegurança se dão de modo mais intenso, podendo ser paralisantes em alguns casos ou fazendo com que a pessoa se envolva de modo excessivo com o trabalho, ou seja, o famoso trabalho duro e exagerado, comportamentos que provocam altíssimos níveis de estresse, considerando-se como fatores de risco que podem levar até à exaustão e ao esgotamento, como alerta Sherman (2013).

A emergência do fenômeno nas pessoas está associada a fatores como: socialização primária e secundária, expectativas familiares e sociais, questões raciais e de gênero, ainda que tais razões não tenham sido analisadas de modo mais profundo e detalhado, carecendo, portanto, de mais estudos (Nunes, 2021).

Contudo, apesar do fenômeno se dar a partir de uma experiência individual e ser mais comum entre mulheres, em que cada uma tem a sua forma fraudulenta de pensar sobre suas conquistas, torna-se importante pontuar, a fim de não contribuir para mais culpabilização para elas, que as causas ou origens não são igualmente individuais, mas coletivas. Alguns fatores podem ajudar a pensar e discutir tais origens da falta de auto(re)conhecimento, especialmente das mulheres, dos seus feitos, tais como: (i) as expectativas sociais em relação às mulheres, (ii) a entrada tardia desse público nos âmbitos educacionais e no mercado de trabalho e, (iii) a lógica da sociedade do desempenho.

Cabe mencionar que os estudos iniciais foram realizados com mulheres brancas, em um contexto norte-americano, que difere bastante da realidade brasileira, além de trazerem, por vezes, um viés estigmatizante e estereotipado, afirmando que o charme e a sensibilidade feminina são méritos de

algumas conquistas, naturalizando a ideia de que há uma essência masculina e uma essência feminina que está dada e não foi socialmente construída (Bezerra et al., 2021). Portanto, os estudos iniciais foram construídos sem pautar-se em uma necessária criticidade e na investigação sobre a relação com questões sociais, como a interseccionalidade na realidade brasileira.

Ademais, apesar do crescimento do número de estudos que abordam a temática e do tempo que o fenômeno já vem sendo estudado e discutido, 45 anos desde o primeiro estudo publicado, ainda é um tema com muitas limitações conceituais e poucas conclusões, de modo que se revela a necessidade de discutir o assunto considerando os avanços relacionados às questões de gênero e étnico-raciais.

Diante dos dados apresentados e levando-se em consideração o marcador de gênero, um fator importante para o fenômeno descrito, considera-se imprescindível atentar também para as questões étnico-raciais, buscando investigar como se dá o fenômeno na população negra, dadas as particularidades e especificidades de determinada vivência, bem como a diversidade de trajetórias percorridas para que se chegue a determinados espaços sociais, como o meio acadêmico, que é perpassado por algumas experiências, a exemplo da discriminação e o racismo estrutural, considerando tais questões relacionadas diretamente à saúde mental e à qualidade de vida, justificando-se assim a relevância desse estudo.

Vale ressaltar que o interesse pela temática parte da identificação pessoal de uma das autoras com o fenômeno, bem como o sentimento compartilhado com muitas mulheres ao seu redor de que nunca são tão boas o suficiente naquilo que fazem, o que faz com que deixem muitas oportunidades de crescer e se posicionar. Para além disso, no âmbito da psicologia o estudo do tema torna-se pertinente tendo em vista seus impactos na saúde mental e qualidade de vida de quem a experiencia, ainda mais pelo viés da interseccionalidade que subsidia uma visão mais ampliada, percebendo as diversas opressões a partir da totalidade e não da fragmentação.

Esse estudo tem como objetivo compreender a caracterização do fenômeno do impostor em publicações científicas brasileiras a partir das trajetórias de mulheres negras, buscando-se entender as relações entre o fenômeno e as questões de gênero e conhecer as repercussões à saúde decorrentes do fenômeno do impostor.

2 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa bibliográfica, utilizando a metassíntese qualitativa, que visa integrar os resultados de várias investigações, realizar uma comparação entre elas, além de analisar os dados apresentados, a fim de formar novas compreensões e significados mais aprofundados (Oliveira; Miranda; Saad, 2020).

A pesquisa delimitou-se a partir de alguns passos sequenciais: definição do objeto, das fontes e dos tipos de documentos que serão acessados e, por fim, a composição da amostra (Oliveira; Trancoso; Bastos; Canuto, 2015). Seguiu-se a processualidade exigida, utilizando-se como referência as fases de exploração, refinamento, cruzamento, descrição e análise (Oliveira; Trancoso; Bastos; Canuto, 2015).

Considerando os objetivos propostos, realizou-se uma investigação em dois bancos de dados virtuais: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o Scientific Electronic Library Online (SciELO). A BDTD foi criada e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no contexto do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (CNPq), lançada oficialmente no final de 2002 e conta com o apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP) (BDTD, s.d). Ao mesmo tempo, a SciELO foi escolhida devido à sua abrangência no que se refere à quantidade de pesquisas científicas de relevância, bem como à propagação para os diversos países, contando com inúmeras áreas e linguagens, além de ser de acesso aberto (Packer, 2016).

Na busca dos documentos que tratam do fenômeno do impostor, não foi utilizado recorte de tempo. No entanto, nas pesquisas referentes à mulher negra e trabalho, verificou-se a necessidade de estabelecer uma limitação de tempo, tendo em vista o grande volume de publicações, estabelecido-se o período de 10 anos.

Inicialmente, utilizaram-se os seguintes descritores, “impostora”, “síndrome do impostor”; “impostor” e “fenômeno do impostor”. Diante da baixa capacidade de localização de documentos com esses descritores, para além dessas formatações inicialmente propostas, foram também realizadas buscas com as seguintes formas e o respectivo operador booleano: “síndrome” AND “impostor”; “síndrome AND impostora”; “fenômeno AND impostor”; e “mulher” AND “negra” AND “trabalho”.

Com esse procedimento notou-se um baixo volume de trabalhos que apareciam voltados ao objetivo de estudo, sendo grande parte de publicações voltadas ao trabalho doméstico, trabalho de mulheres ambulantes, trabalhos relacionados ao cuidado com o outro, especialmente de idosos, e trabalhos subalternizados. Fazendo-se necessário também a utilização dos seguintes descritores: “mulher” AND “negra” AND “academia”; “mulher” AND “negra” AND “universidade”; “mulheres” AND “negras” AND “trabalho”. Note-se que para a construção dos descritores utilizou-se o operador booleano “AND”, disponível em ambos os bancos de dados acessados.

Os documentos foram selecionados a partir da leitura flutuante, o que possibilitou uma aproximação inicial seguida da imersão e reflexão sobre o objeto de pesquisa com a leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave (Oliveira; Trancoso; Bastos; Canuto, 2015).

Considerando o quantitativo de documentos, e o distanciamento das discussões apresentadas em alguns, resolveu-se por utilizar apenas os do tipo dissertação de mestrado e artigos. Inicialmente

estabeleceu-se o recorte de tempo considerando-se os trabalhos publicados nos últimos cinco anos. Após a aplicação desses critérios, restaram 44 documentos que foram submetidos ao tratamento na fase de descrição. Tendo em vista a inviabilidade de proceder à leitura integral necessária para a fase de análise, optamos por selecionar os documentos publicados nos últimos dois anos, totalizando 13 documentos.

A seguir são apresentados os resultados alcançados tomando a sistematização proposta por Bastos (2014) e Oliveira, Trancoso, Bastos e Canuto (2015).

3 RESULTADOS

3.1 FASE DE EXPLORAÇÃO

Essa fase diz respeito ao momento inicial em que se acessam as fontes escolhidas, a fim de localizar os documentos, utilizando-se os descritores de busca ou palavras-chave (Oliveira; Trancoso; Bastos; Canuto, 2015). Entre os meses de abril e dezembro de 2023, foram acessadas as plataformas virtuais SCIELO e a BDTD.

Observa-se que os estudos ainda são escassos sobre o fenômeno do impostor, ao mesmo tempo em que há um número considerável de pesquisas que tematizam a inserção de mulheres negras no mundo do trabalho e na universidade, a maior parte em formato de teses e dissertações.

Essa fase foi encerrada com o total de 4.506 documentos.

3.2 FASE DE REFINAMENTO E CRUZAMENTO

Compreende o início propriamente dito do tratamento dos dados, em que se realiza uma avaliação de todo o material que foi encontrado na fase de exploração, verificando se, de fato, possuem relação direta com o objeto de pesquisa. Nesta fase, procede-se a leitura mais minuciosa de todos os títulos, resumos e palavras-chave (Oliveira et al., 2015; Bastos; Oliveira, 2019).

Em concomitância à fase anteriormente mencionada, realizou-se a Fase de Cruzamento, que consiste em realizar um comparativo entre os documentos que passaram pela Fase de Refinamento, verificando se há estudos em duplicidade em todo o material coletado (Bastos; Oliveira, 2019).

Após os procedimentos realizados nessas duas fases, restaram: 44 documentos.

3.3 FASE DE DESCRIÇÃO

Na fase de descrição, é possível identificar informações detalhadas dos documentos que compõem a amostra. Dados como: eixos temáticos, referenciais metodológicos, série histórica e procedência institucional dos 44 documentos que foram catalogados são apresentados a seguir.

3.3.1 Eixos temáticos

Considerando a escassez de estudos que consideram a interseccionalidade e os marcadores de raça nas discussões, optou-se por realizar a busca a partir de dois blocos de descritores, estando o primeiro relacionado diretamente ao fenômeno do impostor e o segundo, a mulheres negras no mundo do trabalho ou nas universidades. Em relação ao segundo bloco, são diversos os focos que são dados à temática, especialmente às formas de trabalho a que estão vinculadas essas mulheres. Contudo, para uma melhor sintetização, optou-se por utilizar apenas os documentos que focam no mercado de trabalho formal.

Verificou-se uma preponderância dos trabalhos relacionados às mulheres negras no mercado de trabalho 39, especialmente da historicidade dessa inserção e a forma como percebem suas próprias trajetórias. Por outro lado, em menor quantidade, 5 estão os documentos vinculados ao fenômeno do impostor.

3.3.2 Referenciais metodológicos

Nos 44 documentos foram identificadas as informações acerca dos referenciais metodológicos utilizados. Essa atividade mostrou-se das mais difíceis, devido à diversidade de expressões utilizadas, bem como as variadas ramificações de um mesmo método.

As referências que mais aparecem são: Abordagem qualitativa - 14, Análise descritiva - 7, Pesquisa exploratória - 6, Pesquisa quantitativa - 6 e Entrevista semi estruturada - 5. Diversas outras são citadas, a exemplo de: pesquisa participante, história oral, etnografia, pesquisa documental, história de vida entre outras.

Essa variedade de expressões utilizadas parecem indicar certa imprecisão quanto à delimitação do método nos estudos realizados, o que, em se tratando de pesquisa científica, constitui um problema.

3.3.3 Série histórica

Identificar o período em que se produz conhecimento sobre um tema específico permite reconhecer em que momento histórico se debate, teoriza e se discutem as questões relacionadas à temática, possibilitando estabelecer uma relação com o que é vivido naquele dado momento.

Entre os 44 documentos, 13 foram publicados em 2019, em 2020 foram 10, seguidos de 8 em 2021, 9 em 2022 e apenas 4 em 2023. Nota-se que houve maior produção em 2019 nas quais se abordaram especificamente questões raciais e de gênero relacionadas a mulheres negras e trabalho. Nos anos seguintes, observa-se uma queda no número de publicações.

3.3.4 Procedência institucional

A descrição da procedência institucional dos 44 artigos e dissertações que compõem a amostra permite identificar quais instituições de pesquisa estão estudando o fenômeno do impostor, bem como o trabalho das mulheres negras.

Observa-se uma diversidade de universidades que desenvolveram estudos relacionados às temáticas em análise. Ao todo, foram 37 instituições, situadas em várias partes do país, com maior destaque as universidades públicas e federais. A Universidade Federal do Paraná (UFPR) com 4 trabalhos, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 3 trabalhos, e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com 3 foram as que mais produziram.

4 ANÁLISE

A fase de análise corresponde à etapa final do processo de pesquisa, a partir da qual se realiza a metassíntese. Nesse momento do estudo são estabelecidas relações entre todos os estudos selecionados, por meio da confrontação, equivalência e/ou divergência dos dados (Alencar; Almouloud, 2017). Considerando o volume de trabalhos selecionados e a complexidade que essa etapa encerra, dos 44 documentos selecionados, optou-se por analisar apenas aqueles publicados nos últimos dois anos, de modo que permaneceram apenas 13 documentos, sendo 2 artigos e 11 dissertações de mestrado. Os artigos e as dissertações selecionados foram lidos em sua íntegra, uma leitura mais detalhada e aprofundada dos materiais, proporcionando um exercício de imersão em todo o material, através do qual foram identificadas e sistematizadas suas principais características.

A seguir, nos tópicos de análise, os documentos selecionados serão citados de acordo com o quadro abaixo, a partir da identificação numérica referente a cada documento. Esse procedimento de identificação foi adotado tendo em vista a necessidade de diferenciar os artigos que compõem a amostra final e as referências bibliográficas que foram utilizadas para compor a discussão e enriquecer a análise.

Quadro 6. Documentos analisados acompanhados da sua respectiva numeração

Número	Título	Autoria
1	O papel das relações raciais no mercado de trabalho brasileiro: processos de recrutamento e seleção em foco	(Ferreira; Nunes; Santos, 2023)
2	As marcas do racismo institucional na trajetória de trabalhadoras negras em uma universidade federal	(Ângelo; Arruda, 2022)
3	Desafios da equidade de gênero na área tributária: a representatividade de mulheres nas mais altas posições em organizações brasileiras	(Nery, 2022)
4	"Fenômeno da Impostora": (o)pressão de mulheres engenheiras em relação ao lugar de si mesmas no trabalho/profissão	(Souza, 2022)
5	Raça e gênero na física: trajetórias acadêmicas de mulheres negras	(Silva, 2023)
6	Intelectuais negras no doutorado: entre identidades, experiências e ambiente acadêmico	(Oliveira, 2022)
7	Avaliando o papel dos valores humanos e dos estilos parentais no fenômeno do impostor: um estudo com crianças	(Nascimento, 2022)
8	Os Desafios da Comunidade Negra nas Relações Universitárias na Puc-Rio e a Síndrome Do Impostor (1990-2019)	(Silva, 2022)
9	Inserção e permanência das mulheres negras no mercado de trabalho baiano	(Silva, 2023)
10	Aprendendo a transgredir: experiências de mulheres negras no acesso a pós-graduação stricto sensu no estado do Rio de Janeiro	(Viana, 2022)
11	As escritórias de professoras negras na educação básica: um estudo sobre identidade e representatividade em Tanquinho-Ba	(Jesus, 2023)
12	Jornalistas da resistência: histórias de vida de jornalistas negras do Rio Grande do Norte	(Souza, 2022)
13	Mulata Pra F..., Preta Pra Trabalhar": Uma Análise Da Trajetória Profissional De Servidoras Públicas De Uma Instituição Do Sistema De Justiça Fluminense	(Melo, 2022)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Os anos de 2022 e 2023 foram marcos importantes para o contexto político brasileiro, especialmente relacionado à retomada do aumento de estudos sobre mulheres negras no mundo do trabalho. Uma das transformações mais claras, nesse contexto, foi a mudança de governo, com a retomada no poder por um governo democrático e popular, fruto de uma ampla aliança política, em que há também o provável aumento de discussões sobre a luta por direitos e, por conseguinte, as ações afirmativas (Gomes; Ximenes, 2022).

Ao realizar a análise dos 13 documentos, algumas temáticas foram se evidenciando e, a partir dos procedimentos adotados, algumas categorias foram propostas, a saber: 1) aspectos históricos, papéis de gênero e a luta das mulheres negras por direitos; 2) a trajetória de negritude(s) em ascensão de carreira, e 3) determinantes sociais, saúde mental e fenômeno do impostor.

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS, PAPEIS DE GÊNERO E A LUTA DAS MULHERES NEGRAS POR DIREITOS

Antes de mais nada, todas as dissertações relacionadas à discussão de gênero, trazem em suas primeiras seções o que se entende por esse conceito. O gênero, baseado na conceituação de Scott (1995), é compreendido como um fenômeno social e cultural, influenciado pelas relações de poder sobre os corpos e os comportamentos (V. Souza, 2022; Nery, 2022; Oliveira, 2022) [DOCUMENTOS 4, 3 e 6]. Desde a antiguidade, construiu-se socialmente a ideia de naturalização de papéis e funções que deveriam ser desempenhadas de acordo com o sexo biológico, com a construção de papéis de gênero, em que ao homem esteve atrelado o papel de provedor, relacionando-se a mecanismos de

produção e aos espaços de poder (V. Souza, 2022) [DOCUMENTO 4]. Por outro lado, a mulher vincula-se ao papel de cuidadora do lar, dos filhos e da família, limitando-se ao ambiente da casa. Em contraposição, I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5] menciona que a imposição desses padrões de feminilidade está voltada somente para mulheres brancas, já que as mulheres negras desde o tempo da escravidão nunca foram vistas como frágeis ou donas de casa, mas carregam o estereótipo de serem fortes e resistentes.

Tais expectativas reverberam também no modo de ser de meninas desde a infância, época em que são, gradativamente, estimuladas a serem prestativas, delicadas e cuidadosas, em relação aos meninos que são estimulados para tornarem-se dominadores e competitivos, além de serem instigados a pensar e solucionar problemas (Nery, 2022) [DOCUMENTO 3], possuindo na idade adulta uma tendência de se engajarem em atividades produtivas da esfera pública, em contraposição à mulher que permanece vinculada à figura de cuidadora.

Todo esse cenário repercute no mundo do trabalho, nas escolhas profissionais e na presença ou não de mulheres em determinadas áreas de atuação, fato que se confirma com os dados apresentados por Nery (2022) [DOCUMENTO 3] em relação a ausência de mulheres em cargos de chefia, afirmando que isso acaba por reforçar estereótipos de gênero.

O patriarcado comparece, nesse contexto, utilizando-se das diferenças biológicas entre masculino e feminino, a fim de justificar uma suposta superioridade dos homens em relação às mulheres, como condição natural e permanente (V. Souza, 2022) [DOCUMENTO 4]. A mesma autora aponta que dentro de um contexto histórico, sociocultural, político e econômico influenciado majoritariamente pelo patriarcado, seguem-se os mesmos pressupostos dos papéis de gênero e as atividades laborais são separadas e atribuídas baseando-se no binarismo sexo-gênero. O desconhecimento sobre histórias femininas, constitui-se como uma das formas de continuar perpetuando esses papéis e silenciando as mulheres.

O feminismo se apresenta como uma das formas de luta das mulheres pelos seus direitos. No contexto nacional, o movimento emerge nas primeiras décadas do século XX, a partir de três vertentes: (i) sufragista ou “primeira onda feminista”, (ii) feminismo difuso ou “segunda onda” e (iii) o feminismo relacionado ao movimento anarquista ou “terceira onda” (V. Souza, 2022; Nery, 2022) [DOCUMENTOS 4 e 3].

O primeiro, voltado à luta pelos direitos políticos das mulheres, especialmente do direito de votarem e serem votadas, o segundo, focado na luta pelo direito à educação para mulheres e o acesso à informações sobre sexualidade e divórcio, pondo em questionamento que o comportamento de mulheres e homens não é algo natural mas construído socialmente (Nery, 2022) [DOCUMENTO 3],

por fim, o terceiro, possuía como pauta central a exploração do trabalho, em defesa da liberdade para as mulheres de forma radical, apontando pioneiramente que as formas de opressão tinham especificidades ligadas aos marcadores sociais, tais como classe, raça e gênero (V. Souza, 2022) [DOCUMENTO 4].

Em contraposição, I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5] aponta que ao mesmo tempo que mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto, as mulheres negras lutam pelo direito de existir como pessoas e de que seus filhos, vistos igualmente como escravos (V. Souza, 2022) [DOCUMENTO 4], pudessem frequentar a escola e não serem violentadas. Ainda, Silva (2023) corrobora com a discussão da negação da condição humana da mulher negra, expondo que suas “funções” iam além de questões de trabalho, como a exploração dos seus corpos para o prazer dos senhores por meio do estupro. Na mesma linha, o estudo de Oliveira (2022) [DOCUMENTO 6] afirma que muitas das conquistas das mulheres brancas deram-se às custas das mulheres negras, de modo que, enquanto as primeiras lutavam por libertação sexual, as segundas lutavam contra uma imagem hipersexualizada, já que eram objetificadas como “amante lasciva, de curvas generosas e paixão ardente” (Melo, 2022, p.29) [DOCUMENTO 13] bem como, enquanto lutavam pela inserção no mercado de trabalho, exploravam as mulheres negras com trabalhos domésticos. Cabe, portanto, pontuar que na realidade brasileira o movimento apresenta suas particularidades, considerando a diversidade de problemas a que as mulheres são submetidas em uma sociedade bastante heterogênea, em um país que foi o último a abolir a escravidão.

Silva (2022) [DOCUMENTO 10] menciona que o Movimento Negro foi um marco importante em 1990, que acabou promovendo a ideia de raça, sendo utilizada como um indicador da diferença, da desigualdade e, igualmente, da busca por direitos, sendo este movimento, o responsável por colocar em pauta questão que até então era invisibilizada pelo mito da democracia racial, pela suposição que negros e brancos são todos iguais (Jesus, 2023) [DOCUMENTO 11], a exemplo das ações afirmativas.

Nesse contexto, a ascensão do feminismo negro trouxe a interseccionalidade (Ferreira; Nunes; Santos, 2023; Viana, 2022; V. Souza, 2022) [DOCUMENTOS 4, 10 e 11] para nomear a metodologia que se propõe a combater as discriminações multideterminadas, especialmente no binômio raça-gênero (V. Souza, 2022) [DOCUMENTO 4], já que as mulheres negras não enfretam as mesmas opressões que mulheres brancas, nem as mesmas que homens negros enfrentam (I. Silva, 2023; Oliveira, 2022; Viana, 2022) [DOCUMENTOS 5, 6 e 10] levando-se em consideração a inobservância de suas necessidades pelo feminismo branco e pelo movimento antiracista. Considerando tal método, devido suas identidades interseccionais, as mulheres negras são oprimidas pelos sistemas de racismo e sexismo (Oliveira, 2022) [DOCUMENTO 6], bem como do classicismo e do capacitismo (I. Silva,

2023) [DOCUMENTO 5]. Um outro conceito utilizado para pensar essas questões é o de consubstancialidade, que busca compreender como as relações entre gênero, classe e relações sociais interagem entre si, não podendo ser hierarquizadas (M. Silva, 2023) [DOCUMENTO 9].

O estudo de I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5] vai um pouco mais a fundo e menciona que a luta das mulheres negras se dá desde a escravidão colonial, em que sempre foram consideradas como trabalhadoras e dificilmente tratadas como mulheres, sendo sempre reduzidas à capacidade reprodutiva para gerar força de trabalho. Em concordância, M. Silva (2023) [DOCUMENTO 9] afirma que, após a abolição da escravidão, os ex-escravizados além de não terem recebido nenhum tipo de assistência, viram-se competindo com brancos sem os meios adequados para disputar no mundo do trabalho. O estigma de trezentos anos de opressão não se extingue apenas com a promulgação de uma lei e o discurso meritocrático é problemático por transferir a culpa do insucesso a um grupo que sofreu opressões e foi dominado por muito tempo.

Apesar de muitas conquistas e da presença de mulheres negras em lugares representativos na sociedade, a luta por espaços e direitos continua sendo constante e cotidiana, de modo que, apesar dos avanços, muitas batalhas ainda continuam sendo travadas.

4.2 TRAJETÓRIA DE NEGRITUDE(S) EM ASCENSÃO NA CARREIRA

Uma das formas de olhar para a trajetória de mulheres negras é pensado a partir da decolonialidade, uma das perspectivas trazidas na dissertação de Silva (2023) [DOCUMENTO ??], compreendida como um movimento oposto à colonialidade, este que apresenta padrões que são internalizados e permanecem presentes na sociedade, até mesmo após o fim da colonização, perpetuando que sistemas de classificações e valores do Ocidente branco são universais e verdadeiros (Oliveira, 2022) [DOCUMENTO 6]. Nesse sentido, a colonialidade se apresenta em três dimensões: (i) colonialidade do poder, que “institui um dualismo cartesiano, pois divide tudo e todos entre seres superiores e inferiores” (I. Silva, 2023, p. 34) [DOCUMENTO 5], (ii) a colonialidade do saber, que atua por meio de sistemas dominantes de pensamento, baseando-se em uma perspectiva eurocêntrica, que por meio do racismo organiza “quem pode, ou não produzir conhecimento científico legítimo” (I. Silva, 2023, p. 34) [DOCUMENTO 5], quem tem o direito de viver, de se manifestar e formular ideias e (iii) a colonialidade do ser, que atribui “inferioridade existencial, temporal e espacial aos colonizados, por meio de desumanização dos sujeitos e da separação de si mesmos” (I. Silva, 2023, p. 35) [DOCUMENTO 5].

Chama a atenção uma das colocações realizadas por I. Silva (2023, p.35) [DOCUMENTO 5] sobre o pensamento de Frantz Fanon (2020), onde menciona que, “de maneira psicológica, todo povo

colonizado desenvolve um complexo de inferioridade”. Outro autor importante nessa discussão é Quijano (2005), que no estudo de I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5] vem atrelado à conceituação de raça, compreendida como uma categoria conceitual, um instrumento de dominação, que subsidiou sistemas de classificação baseadas para além das diferenças fenotípicas, utilizando-se de discursos do racismo científico, em que se supõe existir diferenças biológicas entre as raças, categorizadas em superiores e/ou primitivas, afastando-se de tal diversidade, ou quando chega a assimilá-la, acaba por deslegitimar a essência desse “outro” (Oliveira, 2022; Ângelo; Arruda, 2022) [DOCUMENTOS 6 e 2].

Nesse sentido, raça, trabalho e gênero associaram-se, resultando em subalternização de oportunidades de trabalho, que afetou de maneira distinta homens negros e mulheres negras (I. Silva, 2023) [DOCUMENTO 5] . A mesma autora aponta que os sujeitos colonizados, quando não violentados fisicamente ou vítimas do genocídio dos seus, são submetidos a dominações simbólicas e epistêmicas, como o epistemicídio (A. Souza, 2022) [DOCUMENTO 12], uma forma de atacar teorias que não se adequam à “lógica de exaltação da academia nem se encontram nos moldes positivistas, engessados, coloniais e que são amparados pela neutralidade científica” (Jesus, 2023, p. 34) [DOCUMENTO 11].

Corroborando com tais informações a pesquisa realizada por Nery (2022) [DOCUMENTO 3] com mulheres em altas posições de poder, menciona a violência silenciosa em suas diversas formas, como a violência emocional que leva a mulher e a sociedade a acreditarem que ela enlouqueceu ou que é incapaz, a ação do homem explicar algo que é óbvio, desmerecendo o conhecimento da mulher sobre o assunto, quando um homem se apodera de uma ideia que já foi expressada por uma mulher, sem lhes dar os devidos créditos e a ação de homens que interrompem a fala de mulheres em reuniões de maneira constante e desnecessária, sem que as mesmas consigam completar seu raciocínio.

As violências simbólicas mencionadas são voltadas especificamente às mulheres, constituindo-se enquanto violência de gênero, todo esse cenário violento é ainda mais exacerbado quando se trata de uma mulher negra. Oliveira (2022) [DOCUMENTO 6] menciona que dentre as violências sofridas por mulheres negras, tem-se a crença de que são incapazes de falar, de se colocarem, sendo invisibilizadas por aqueles que acreditam poder falar por elas. Considerando o que aponta I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5] sobre o racismo na ciência, o mesmo se manifesta na aceitação somente de cientistas que seguem padrões hegemônicos eurocêntricos, de modo que quem se encontra fora desse padrão é invisibilizado e inferiorizado intelectualmente. Do mesmo modo, a pesquisa realizada por Jesus (2023) [DOCUMENTO 11] demonstra que nas escolas de educação básica, professoras negras

por muitas vezes são mais cobradas e seu conhecimento é testado de forma constante, tendo que provar sua capacidade intelectual diariamente.

Ratificando tais informações, Viana (2022) [DOCUMENTO 10] em seu estudo sobre o percurso educacional de mulheres negras em programas de pós-graduação stricto sensu a nível de mestrado e os fatores que podem dificultar suas entradas nesses meios, aponta que as desigualdades de acesso e permanência existem desde a educação básica e se perpetuam até a educação superior, sendo um continuum de privações de acesso, e o próprio processo seletivo funciona como um funil ou filtro que está pautado na ideia de “manutenção do mérito acadêmico” vinculadas às categorias de gênero, raça e classe, de modo que, apesar do aumento de mulheres negras nesses espaços, a representatividade desse grupo ainda é bem escassa, se considerada a população geral. Ao mesmo tempo, seus dados demonstram que a experiência em atividades e espaços de produção científica não se apresenta como comum ou possível para a maioria das alunas negras da academia, excluídas por diversos fatores de acesso a uma formação para a pesquisa e extensão, estando associados a pensamentos arcaicos e racistas que colocam as alunas com esse perfil em um lugar de inaptidão para aprender a refletir e produzir conhecimento.

Em relação a essa temática, o estudo de I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5], baseando-se em hooks (1995), aponta ainda que, controlando as estruturas de validação do conhecimento, os homens brancos de elite decidem “quem” e “o quê” é considerado intelectual, eliminando a possibilidade de mulheres negras atuarem nesse domínio, concebendo-se a ideia de que as mulheres negras possuem capacidade natural para cuidar dos outros e servi-los e, devido a extrema sexualização dos seus corpos, quando conseguem adentrar o mundo intelectual, duvidam da própria capacidade e se culpam por priorizar o trabalho intelectual em oposição do doméstico. Em concordância, A. Souza (2022) [DOCUMENTO 12] em seu estudo sobre jornalistas negras indica que a dificuldade de mulheres ocuparem espaços de poder é clara e histórica, especialmente por não se enquadrarem no padrão estético estabelecido pela supremacia branca.

Para além disso, o estudo realizado por Ferreira, Nunes e Santos (2023) [DOCUMENTO 1] constatou que a baixa participação de mulheres em empresas é altamente influenciada pela subjetividade dos gestores, independente do nível educacional das candidatas, sendo os processos de recrutamento e seleção constituídos como discriminatórios.

Nesse ínterim, o racismo institucional, que reproduz as desvantagens e os privilégios partindo de marcadores sociais, se faz presente nessas trajetórias de modo constante, o que se comprova na pesquisa realizada por Ângelo e Arruda (2022) [DOCUMENTO 2]. No entanto, tais experiências não se dão meramente no nível individual, cabendo compreender a relação que opressões estruturais

causam em sujeitos de certos grupos. Demonstrando-se a importância de olhar para os determinantes sociais.

4.3 DETERMINANTES SOCIAIS, SAÚDE MENTAL E FENÔMENO DO IMPOSTOR

É importante compreender o que aponta o estudo de Oliveira (2022, p.37) [DOCUMENTO 6] acerca das experiências de mulheres negras, atravessada pelas vivências interseccionais, com a associação e a relação de marcadores como raça e gênero, fazendo-se necessário investigar de modo constante as formas que as mulheres “são representadas e se representam a si mesmas, produzem e resistem.” Na mesma linha, o trabalho de Silva (2022, p.80) [DOCUMENTO 8] traz uma observação importante acerca da construção da identidade, que “ocorre por meio do diálogo e do reconhecimento do outro, por intermédio das relações sociais”, nesse sentido, o discurso colonialista enquanto instrumento de dominação e opressão, provoca nas minorias um conjunto de complexos de inferioridade, causando-lhes danos psicológicos.

A formação da identidade se vê dificultada, considerando a não representação das pessoas negras na literatura, nos jornais e periódicos, considerando que as crianças crescem tendo acesso a veículos de comunicação em que as narrativas foram escritas por autores brancos, que escrevem para crianças brancas (Silva, 2022) [DOCUMENTO 8], nos quais todas as produções reafirmam a inferioridade do negro que, segundo o mesmo estudo, teve sua origem nas teorias racialistas, com a influência do atavismo, que supõe que as características de “raças inferiores” poderiam ser passadas de geração em geração. Nessa construção, a pressão da ideologia do branqueamento, um dos instrumentos de genocídio do povo negro e da cultura negra, vai exercendo uma pressão e o povo negro acaba construindo uma identidade não engajada, dificultando a solidariedade entre negros e mestiços, sendo, geralmente, nos espaços de poder que o indivíduo se descobre negro.

Um dos pontos que chamam atenção no trabalho de I. Silva (2023) [DOCUMENTO 5] é a demonstração de que a presença de mulheres não brancas no espaço acadêmico ainda é escassa, e quando estão inseridas, relatam sofrer com racismo institucional, que se traduz por meio do estranhamento, desconfiança e invisibilidade direcionada ao corpo negro (Ângelo; Arruda, 2022; I. Silva, 2023) [DOCUMENTOS 2 e 5], falta de reconhecimento profissional pelos seus familiares e seus pares, sensação de isolamento étnico e racial, além de não se sentirem pertencentes e representadas, como outras vivências de raça, gênero e classe. A respeito do isolamento mencionado, V. Souza (2022) [DOCUMENTO 4] afirma que essa sensação impede o compartilhamento de vivências, tornando difícil a identificação com outras mulheres que possam ter experiências semelhantes, aspecto

importante para que as experiências vivenciadas de modo individual possam ser analisadas a partir de um contexto social, de modo ampliado.

No mesmo sentido, a dissertação de V. Souza (2022) [DOCUMENTO 4] aponta que não há uma proibição legal para que mulheres adentrem esses espaços, no entanto, estas podem sofrer de forma sutil variadas formas de opressão que acarretam culpa e sentimento de incompetência. Em consonância, o estudo publicado por Oliveira (2022, p.57) [DOCUMENTO 6], relacionado a um levantamento sobre as mulheres negras na pós-graduação, aponta que a vivência dessas mulheres é “perpassada por sentimentos de baixa estima, insegurança e dificuldade em falar sobre autoimagem, apesar de perceberem a adoção da etnia como mobilizador de suas identidades.” Ainda, Oliveira (2022) [DOCUMENTO 6] aponta que uma das estratégias de resistência que se torna mais combativa e utilizada por negras acadêmicas para lidar com o racismo e as discriminações é a atuação política, fortalecendo a luta antirracista. Silva (2022) [DOCUMENTO 8] menciona que o medo que o aluno negro sente constantemente em não poder errar ou fracassar não é natural, mas é construído historicamente e produzido nas relações sociais.

A respeito do fenômeno do impostor, o estudo de Nascimento (2022, p. 37) [DOCUMENTO 7], o que mais se distingue dos demais aqui mencionados, é voltado ao público infantil, no entanto, alguns dados saltam aos olhos em relação a possíveis origens para vivência do fenômeno, tais como a de que pessoas que crescem em ambientes familiares superprotegidos, possuem uma tendência em experienciar sentimentos impostores, haja vista que seus responsáveis, geralmente a figura paterna, lidam de forma mais efetiva com suas vidas e suas necessidades, gerando, assim, uma internalização de sentimentos almejados pelos responsáveis. O autor sugere que o ambiente familiar possui influência direta nessa condição, considerando que os estereótipos de gênero ao longo do processo de formação favorecem sentimentos de maior autoestima e habilidades em pessoas do sexo masculino, em detrimento das pessoas do sexo feminino.

Silva (2022) [DOCUMENTO 8] traz que esse fenômeno é um sentimento, uma sensação de inferioridade, que pode tanto ser causa como consequência de distúrbios relacionados à saúde mental que, baseando-se em Abud (2020), há alguns grupos que estão mais propensos a desenvolver, como as minorias étnico-raciais especialmente no ambiente acadêmico, pela competição e avaliação constante de seu desempenho. Em concordância, Souza (2022, p.86) [DOCUMENTO 8] adiciona alguns elementos à discussão, afirmando que o fenômeno do impostor é um reflexo civilizatório de uma (i) lógica produtiva, da sociedade do cansaço, das injustiças sociais, das desproporções de gênero e do desrespeito às diferenças, das desigualdades colonizadoras, das patologias neoliberais capitalistas, das extravagâncias formativas e suas ideias de competências quase supra-humanas de hipertrabalho e de

lucro para o atendimento do mercado de capital, que na esfera intra e intersubjetiva assola as coletividades, com traços mais marcantes, quiçá, em alguns grupos humanos minoritários, a exemplo da mulher.

Tudo isso torna-se ainda mais evidente considerando as características interseccionais das mulheres negras que já carregam desde muito cedo o estereótipo de ser forte, sendo este, contudo, um convencimento que tem origem na pura imposição, visto que o Estado é omissivo e violenta seus corpos de diversas formas (Jesus, 2023) [DOCUMENTO 11]. A rigidez imposta desde a infância, vai se acentuando ao longo da vida e resulta do racismo que vai minando a autoestima, de modo que, por precaução, as mulheres negras acabam, desde pequenas, sendo ensinadas a não errar e, por via de consequência, criam um medo da exposição. A mesma autora menciona que se aprende, com o tempo, que “errar é um privilégio da branquitude e que o medo da violência obriga as mães negras a não permitirem que seus filhos errem, pois dificilmente teremos diálogo e acolhimento” (Jesus, 2023, p.18) [DOCUMENTO 11].

Em todo esse movimento constante de silenciamentos, epistemicídios, genocídios e demais opressões a que está submetida, a pessoa negra vai sentindo uma quebra da sua identidade, por meio da internalização do ideal branco eurocêntrico e essa inferiorização intelectual e cultural vai levando, possivelmente, a uma instabilidade psíquica. Por fim, considerando a máscara de silenciamento de mulheres, especialmente mulheres negras, conclui-se que esse movimento é um mecanismo histórico, utilizado como forma de castigo, por meio do medo, de modo que se torna ainda mais evidente a importância de estimular e reforçar o protagonismo das mulheres negras, que por muito tempo foram silenciadas (Jesus, 2023) [DOCUMENTO 11].

5 CONCLUSÕES

O tratamento realizado nos 44 documentos, dentre artigos e dissertações que compuseram a amostra desta investigação, permitem afirmar que o ano de 2019 foi o mais expressivo em pesquisas relacionadas a questões raciais e de gênero, no que se refere a mulheres negras e trabalho, volume este que tem uma diminuição nos anos subsequentes e volta a ganhar força no ano de 2022, movimento que pode ter sido estimulado pelo contexto político ao qual o Brasil esteve submetido neste recorte histórico de tempo. A temática do fenômeno do impostor e mulheres negras esteve, em sua grande parte, relacionada a documentos ligados à pós-graduação, tendo grande parte dos escritos sido encontrados em formato de dissertação de mestrado, âmbito em que provavelmente a discussão chega de forma mais acentuada.

Quanto aos métodos e técnicas utilizadas nos trabalhos, grande parte dos documentos apresentava abordagem qualitativa e, em sua maioria, levantava questões relacionadas às mulheres negras no mercado de trabalho, em comparação a discussões voltadas especificamente ao fenômeno do impostor. Foram identificadas 37 universidades que apresentaram produções, sendo a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) as que mais produzem.

Os resultados da análise realizada, permitem considerar que: a produção de trabalhos relacionados às questões de raça e gênero têm levado em consideração um olhar mais amplo sobre as temáticas, por um viés que considera o contexto histórico, sociocultural, político e econômico do conhecimento que se pretende produzir, explorando elementos como as construções sociais e históricas que vão sendo perpetuadas, as especificidades do feminismo negro em face à inobservância das demandas das mulheres negras do feminismo pensado por mulheres brancas e do movimento negro, acrescentando à discussão conceitos importantes como o de interseccionalidade.

Nota-se que existe concordância em pensar a trajetória de mulheres negras relacionadas aos determinantes sociais, questionando as estruturas eurocêntricas e dominantes, da mesma forma em relação aos aspectos danosos das múltiplas séries de violações, apagamentos, silenciamentos, privações e opressões sofridas por essas pessoas que, por vezes, são encaradas de modo naturalizado e acabam sendo assimilados, como se houvesse uma fragilidade individual. Do mesmo modo, a luta travada por mulheres negras para existirem, se faz de modo constante, mas não está acabada e deve permanecer a cada conquista de espaços para que outras também possam vir.

Não à toa, durante a fase de busca e seleção dos materiais, percebeu-se uma grande associação do trabalho com mulheres negras aos trabalhos domésticos, subalternizados ou, muitas vezes, invisíveis, de modo que nota-se uma das fortes reverberações do racismo que dita quem pode ou não viver, ter direitos e conquistar espaços de poder. A falta de associação do fenômeno do impostor com esse público, será que também não diz respeito a um apagamento? Será que às mulheres negras é dado o direito de pensar sobre suas próprias capacidades, sobre os seus feitos e possibilidades? Nas múltiplas e infinitas jornadas, há espaço para pensar sobre dores, para olhar para dentro e cuidar de si?

A análise permitiu pensar na impossibilidade de olhar para as características do fenômeno do impostor em mulheres negras, considerando-o apenas uma questão de saúde mental, individualizada, mas como uma herança histórica de pessoas que foram acostumadas a ter que ser submissas, a serem consideradas como inferiores, que não sabem pensar porque a intelectualidade sempre lhes foi negada, de modo que não podiam sequer sentir, já que nunca foram consideradas humanas e sempre foram acostumadas a não poder falar, e esse silenciamento continua a lhes assombrar.

Acerca das limitações, percebe-se que há algumas limitações do próprio método utilizado, considerando que não é possível abarcar todas as pesquisas realizadas no campo de interesse, visto que essa espécie de investigação é inconclusa, já que o período de busca é limitado e a coleta fica à mercê do que a autora declara como foco de pesquisa (Alencar; Almouloud, 2017).

Por fim, estudar sobre esses processos permite vislumbrar um campo temático sensível e potente, implicando a necessidade de assumir uma atuação ético-política, por meio de uma ética reflexiva constante, fazendo-se necessário que, para que as pesquisas cumpram seu papel social de transformação à serviço da sociedade, as mesmas devam estar bem posicionadas e contextualizadas, para dar, portanto, continuidade às reflexões referentes à temática.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. S.; ALMOULOU, S.A. A metodologia de pesquisa: metassíntese qualitativa. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, 2017.
- BASTOS, J. A. Saúde mental e trabalho: metassíntese da produção acadêmica no contexto da pós-graduação brasileira. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2014.
- BASTOS, J. A.; OLIVEIRA, F. M. U. Caderno de Psicologia Social do Trabalho: metassíntese da produção publicada em duas décadas. Psicologia e Sociedade, 2019.
- BEZERRA, T. C. G.; BARBOSA, L. H. G. M.; VIONE, K. C.; ATHAYDE, R. A. D.; GOUVEIA, V. V. Escala Clance do Fenômeno do Impostor: Adaptação Brasileira. Psico-USF, 2021.
- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Conheça a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), s.d. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Content/history>. Acesso em: 14 de dez. de 2023.
- CLANCE, P. R.; IMES, S. A. The impostor phenomenon in high-achieving women: Dynamics and therapeutic interventions. Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 15, 244-247. 1978.
- CHASSANGRE, K.; CALLAHAN, S. J'ai réussi, j'ai de la chance je serai démasqué: Revue de littérature du syndrome de l'imposteur. Pratiques Psychologiques, 2017.
- DISCOVERY BR. A falsa farsa: Um estudo proprietário sobre o fenômeno da impostora. Vai por elas. 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1wLTWYnvGU1_DAcXjDhyOIXGfqZ7mHIzT/view . Acesso em: 15 de mai. de 2023.
- DUDĂU, D. P. The relation between perfectionism and impostor phenomenon. Procedia-Social and Behavioral Sciences, 2014.
- KPMG INTERNATIONAL COOPERATIVE. Acelerando o futuro das mulheres de negócios. Relatório da Cúpula de Liderança Feminina da KPMG 2020. 2020.
- GOMES; N. L.; XIMENES, S. B. Ações afirmativas e a retomada democrática. Educ. Soc. 2022.
- NUNES, H. J. M. Fenômeno do Impostor em estudantes de medicina. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina). 2021.
- OLIVEIRA, G. S.; MIRANDA, M. I.; SAAD, N. S. Metassíntese: uma modalidade de pesquisa qualitativa. Cadernos Fucamp, 2020.
- OLIVEIRA, A. A. S.; TRANCOSO, A. E. R.; BASTOS, J. A.; CANUTO, L. T. Metassíntese: Apontamentos para sistematização de revisões amplas e crítica interna à produção científica. Investigação Qualitativa em Saúde, 2015.

PACKER, A. L. SciELO e o futuro dos periódicos. SciELO em Perspectiva, 2016. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2016/12/21/scielo-e-o-futuro-dos-periodicos/#:~:text=O%20objetivo%20principal%20do%20SciELO,com%20inova%C3%A7%C3%B5es%20metodo%C3%B3gicas%20e%20tecnol%C3%B3gicas>. Acesso em: 23 de out. de 2023.

ROHRMANN, S.; BECHTOLDT, M. N.; LEONHARDT, M. . Validation of the impostor phenomenon among managers. *Frontiers in Psychology*, 2016.

SHERMAN, R. O. Imposter syndrome: When you feel like you're faking it. *Am Nurse Today*, 2013.

DOCUMENTOS ANALISADOS

ÂNGELO, C. A. P. S.; ARRUDA, D. O. As marcas do racismo institucional na trajetória de trabalhadoras negras em uma universidade federal. *Serv. Soc. Soc. São Paulo*, 2022.

FERREIRA, C. A. A.; NUNES, S. C.; SANTOS, J. N. O papel das relações raciais no mercado de trabalho brasileira: processos de recrutamento e seleção em foco. *Cadernos EBAPE.BR*. Rio de Janeiro, 2023.

JESUS, J. S. As escrevivências de professoras negras na educação básica: um estudo sobre identidade e representatividade em Tanquinho-BA. Dissertação (Mestrado em Políticas Educacionais, Movimentos Sociais e Processos de Educação). Feira de Santana, 2023.

MELO, B. F. “Mulata pra f...., preta pra trabalhar”: uma análise da trajetória profissional de servidoras públicas de uma instituição do sistema de justiça fluminense. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Volta Redonda, 2022.

NASCIMENTO, E. F. Avaliando o papel dos valores humanos e dos estilos parentais no fenômeno do impostor: um estudo com crianças. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Campo Grande, 2022.

NERY, F. C. S. Desafios da equidade de gênero na área tributária: a representatividade de mulheres nas mais altas posições e organizações brasileiras. Dissertação (Mestrado em Gestão e Negócios). Porto Alegre, 2022.

OLIVEIRA, A.A. Intelectuais negras no doutorado: entre identidades, experiências e ambiente acadêmico. Dissertação (Mestrado em Educação com ênfase na linha de Diversidade, Diferença e Desigualdade Social na Educação). Curitiba, 2022.

SILVA, D. S. Os desafios da comunidade negra nas relações universitárias na PUC-Rio e a síndrome do impostor (1990-2019). Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, M. N. O. Inserção e permanência das mulheres negras no mercado de trabalho baiano. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Campinas, 2023.

SILVA, I. S. Raça e gênero na Física: Trajetórias acadêmicas de mulheres negras. Dissertação (Mestrado acadêmico em ensino de Física). Porto Alegre, 2023.

SOUZA, V. P. C. “Fenômeno da impostora”: (o)pressão de mulheres engenheiras em relação ao lugar de si mesmas no trabalho/profissão. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional Tecnológica). João Pessoa, 2022.

SOUZA, A. C. P. Jornalistas da Resistência: Histórias de Vida de Jornalistas Negras do Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). João Pessoa, 2022.

VIANA, N. C. Aprendendo a transgredir: experiências de mulheres negras no acesso a pós-graduação stricto sensu no estado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas). Duque de Caxias, 2022.